

Entre os antigos e modernos: a aprendizagem através da história em Thomas Hobbes

Between the ancient and modern: learning through of the history in
Thomas Hobbes

Debóra Vogt

Mestranda

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

debirv@hotmail.com

Rua Gilda de Abreu, 596

Esteio- RS

93290-430

Brasil

Resumo

Na querela entre Antigos e Modernos, Thomas Hobbes coloca-se como alguém que se utilizava da história com intenções políticas. Como um leitor dos antigos e herdeiro das tradições renascentistas, sua recepção norteia um aparato conceitual que é, de um lado, compartilhado por seus contemporâneos, e, por outro lado, apropriado de uma forma peculiar, de acordo com a visão e interpretação que este tem de seu momento e das histórias que leu e ouviu. O objetivo deste artigo é, de forma sumária e introdutória, demonstrar algumas das relações que o pensador estabelece com a história e de que maneira esta se relaciona com sua teoria política e com seu momento histórico, marcado pela busca de sentido no mundo antigo. Desde 1628, quando traduziu para o inglês a *Guerra do Peloponeso* de Tucídides até, 1668, quando este escreve a história da guerra que presenciou, o *Behemoth ou o Longo Parlamento*, Hobbes vê na prática historiográfica aprendizado e ensino. Ela é a maior professora, e com ela alertamos a respeito do iminente perigo de uma volta ao "estado de natureza".

279

Palavras-chave

Antiguidade; Modernidade; História intelectual.

Abstract

In the quarrel between Ancients and Moderns, Thomas Hobbes appears as someone who used the history with political intentions. As a ancient's reader and Renaissance's heir, its reception guide a conceptual apparatus that is on the one hand, shared by his contemporaries, and on the other hand, appropriated in a peculiar way, according to the vision and interpretation that has about his time and the histories that he read and heard. This paper is a cursory and introductory demonstrate some of the relations that the thinker makes with the history and how this link to his political theory and his historical moment, marked by the search for meaning in the ancient world. Since 1628, when translated to English the *Peloponnesian War* by Thucydides until 1668, when he writes the history of the war he witnessed, *The Behemoth or the Long Parliament*, Hobbes sees the practice of historiography learning and teaching. She is the great teacher and with she warned about the imminent danger of a return to the "state of nature."

Keyword

Antiquity; Modernity; Intellectual history.

Enviado em: 30/01/2010

Aprovado em: 09/03/2010

Dessa forma as revoluções trouxeram para a cidade numerosas e terríveis calamidades como têm acontecido e continuará a acontecer enquanto **a natureza humana for a mesma**; elas, porém, podem ser mais ou menos violentas e diferentes em suas manifestações, de acordo com as várias circunstâncias presentes em cada caso. Na paz e prosperidade as cidades e os indivíduos têm melhores sentimentos, porque não são forçados a enfrentar dificuldades extremas; a guerra, ao contrário, que priva os homens da satisfação até de suas necessidades cotidianas, **é uma mestra violenta e desperta na maioria das pessoas paixões em consonância com as circunstâncias do momento.** (Tucídides 2001, III, p.166) [os grifos são meus]

Thomas Hobbes é colocado tradicionalmente como filósofo mecanicista, utilizador do método hipotético dedutivo. Contudo, além de ser um estudioso de matemática, física e filosofia, o pensador tinha uma preocupação com seu momento histórico e a intenção de intervir politicamente. Sua arma para isso não eram cargos políticos ou a intervenção pública, mas seus textos. Eles eram seus veículos de ação política. Hobbes tinha uma preocupação com a história, principalmente a vivida por ele e por seus contemporâneos. Contudo, o filósofo a via como algo inserido em suas concepções centrais de Estado. Assim, a guerra ou a mudança política é vista como a volta ao estado de natureza, da qual o homem, racionalmente, optou por sair. Meu objetivo neste artigo é demonstrar de que maneira o filósofo utilizou-se da história como um instrumento pedagógico para um fim específico em diversos momentos de sua trajetória. A história, para ele, deveria ser lembrada como exemplo, pois mostrava a natureza que se esconde dentro de nós, em tempos de paz. Sendo as atitudes dos homens semelhantes, já que as paixões são as mesmas, lembrar o passado é uma maneira de prevenir o futuro.

No seu livro sobre a guerra civil inglesa, *Behemoth ou o Longo Parlamento*, Hobbes curiosamente, mas não sem razão, utilizou-se de uma metáfora bíblica. A contraposição ao Leviatã é evidente e embora, na Bíblia, não haja uma evidente valorização do Leviatã¹ em relação ao Behemoth, Hobbes desejava demonstrar aos seus contemporâneos as duas situações em que a sociedade poderia se encontrar. A linguagem bíblica parece ser, neste caso, um vocabulário comum, compartilhado pelos leitores de seu discurso. Mesmo que Hobbes atacasse com veemência e de modo explícito aqueles que se utilizam da palavra como engano, para levar o povo a se indispor com seu soberano, o pensador usou os mesmos elementos que seus opositores, palavras, para

¹ Ver Jó 40: 15-24. O Leviatã e o Behemoth aparecem na Bíblia nos capítulos 40 e 41 do livro de Jó. Enquanto o Leviatã é uma espécie de crocodilo ou dragão, representando um monstro marinho, Behemoth, o hipopótamo imperturbável, é um monstro terrestre.

convencer e persuadir. Ou seja, seu discurso da guerra não pode ser visto como mero relato, sem um fim específico. A história ensina, tanto a mais contemporânea (no caso, a Revolução Inglesa), como a dos antigos, nossos antecessores. E como diz no *Leviatã*, melhor governa quem mais conhece a natureza humana,² a história, portanto, possivelmente nos levaria a compreender nossos impulsos naturais e a melhor maneira de controlá-los.³

É controversa a história editorial do *Behemoth*. Em sua autobiografia o filósofo afirmou que escrevera, por volta dos oitenta anos, dois livros, um sobre a guerra civil inglesa e um, em versos latinos, sobre o surgimento e crescimento do poder insubordinado dos sacerdotes (OSTRENSKY 2001, p. 5). Ao que tudo indica a obra sobre a guerra civil inglesa é o *Behemoth ou o Longo Parlamento*. Escrito logo após a restauração, não houve nenhuma edição legal durante a vida do autor. Apesar de seu desejo de publicar o livro, não obteve autorização de Carlos II.⁴ Assim, somente após três anos da morte do filósofo é publicada sua obra, em 1682, por seu amigo e editor William Crooke. Contudo, manuscritos ilegais já circulavam e eram usados, curiosamente, pelos dois lados da revolução.⁵

Escrito sobre a forma de diálogo, onde os capítulos são divididos como intervalos de uma conversa mais longa entre duas pessoas, as opiniões dos personagens não são diferentes. Além disso, não há identificação alguma dos interlocutores.⁶ O que é possível afirmar é que um deles, identificado como "A", presenciou a guerra e a relata, enquanto o segundo, "B", ouve e faz considerações. O teor da conversa é de um relato que abarca o início da guerra, com as causas dessa, e termina com a restauração do poder ao seu devido lugar, na visão de Hobbes: à dinastia Stuart. Segundo o próprio autor, o primeiro diálogo trata das sementes da rebelião,⁷ "*certas opiniões a respeito da teologia e política*" (HOBBS, *Behemoth* 2001, p.23); já o segundo trata do desenvolvimento da guerra, com documentos⁸ que o parlamento e o rei

² Para Hobbes as paixões do homem são semelhantes. Assim, a melhor maneira de conhecer a natureza humana é "ler a si mesmo". Certamente a história serviria para tal desígnio também. "(...) Aquele que vai governar uma nação inteira deve ler, em si mesmo, não este ou aquele indivíduo em particular, mas o gênero humano (...)" (HOBBS, *Leviatã* 1999, p. 28).

³ Na dedicatória do *Behemoth*, Hobbes afirma: "(...) Nada pode ser mais instrutivo e tendente à lealdade e à justiça do que a memória, enquanto durar, daquela guerra (...)" (HOBBS, *Behemoth* 2001, p.23).

⁴ De acordo com Nádia Souki (2008, p. 136 e 137), havia alguns motivos pelos quais o ex-aluno de Hobbes negou-lhe o pedido de edição do livro. Na obra são apontados, de forma sutil, os erros táticos de Carlos I e seus conselheiros. O rei também é exposto em sua covardia ao abandonar seus ministros à vingança do parlamento.

⁵ Na primeira versão "legal" do *Behemoth* há uma nota do editor William Crooke sobre as edições espúrias e as difamações que o nome de Hobbes sofreu graças a elas. "I am compelled by force of truth to declare, how much both the world and the memory of Mr. Hobbes have been abused by the several spurious editions of the *History of the Civil Wars*; wherein by various and unskillful transcriptions, are committed above a thousand faults, and in above a hundred places whole lines left out, as I can make appear" (CROOKE 1966, p. 163).

⁶ Se fossemos fazer uma analogia com os diálogos platônicos, poderíamos dizer que Hobbes parece inspirar-se no filósofo apenas na forma, já que nos diálogos socráticos os interlocutores tem nomes e cargos descritos. Além disso, as opiniões divergem e há uma busca de convencimento, diferente do filósofo inglês, cujo teor da conversa é um esclarecimento.

⁷ É importante colocar que a Revolução Inglesa só foi chamada por esse nome após a Revolução Francesa, anteriormente ela era simplesmente chamada de "grande rebelião". Segundo Eunice Ostrensky, o primeiro a designar a guerra civil inglesa como revolução foi o historiador François Guizot, provavelmente como alusão à Revolução Francesa (OSTRENSKY 2006, p. 24).

⁸ Os dois primeiros diálogos embora não tratem da guerra "em si", são para Hobbes partes dela, já

trocaram durante o conflito. O terceiro e quarto capítulo, de forma muito mais enxuta e menos analítica em relação aos outros dois, é uma descrição da guerra com poucas reflexões: "(...) os dois últimos são uma brevíssima sinopse da própria guerra, extraída da crônica do sr. Health⁹(...)"(HOBBS, *Behemoth* 2001, p.23).

Hobbes escreveu este livro com oitenta anos, após a restauração. Embora pudesse se posicionar como um vencedor - afinal, sua teoria estava correta e o poder voltara ao seu devido lugar - o filósofo olhava para aqueles tempos com certa melancolia, a de quem procura entender o que passou, dar-lhe um sentido, mesmo que posteriormente. Se ler o humano é essencial para quem governa, entender os atos e compreender suas atitudes é um ponto fundamental. Se as paixões humanas são as mesmas,¹⁰ como o filósofo afirma no *Leviatã*, os atos passados podem nos decifrar a natureza humana. Contudo, como explicar aqueles inacreditáveis tempos? Como convencer seus contemporâneos da constante ameaça de guerra de uma maneira que ela nunca mais voltasse? Hobbes inicia desta forma seu relato:

Se no tempo, como no espaço, houvesse graus de alto e baixo, acredito firmemente que o mais alto dos tempos seria o que transcorreu entre os anos de 1640 e 1660. Pois quem do topo, como da **Montanha do Diabo**, olhasse o mundo e observasse as ações dos homens, sobretudo na Inglaterra, descortinaria um panorama de todas as espécies de injustiça e de loucura que o mundo pode proporcionar, e como foram geradas pela hipocrisia e presunção- aquela dobrada iniquidade, esta, dupla loucura (HOBBS, *Behemoth* 2001, p. 31) [grifos são meus]

282

Hobbes inicia seu relato evocando uma imagem bíblica. Se a metáfora do título pode parecer sugestiva e evidencia alguns dos propósitos do pensador, levar seus leitores ao pináculo do templo, onde o Diabo leva Jesus para que ele se rendesse as riquezas e aos prazeres do mundo, evocava o caráter maligno e enganador daquela guerra. Lá, da "Montanha do diabo", era possível enxergar o que faziam os homens na terra e observar as motivações que engendraram aqueles dias. Injustiça e loucura se fizeram presentes e ações que em tempos de paz não se efetivariam, já que em guerra intestina, não há noção de certo e errado, pois não há nenhuma lei constituída e nem juiz para afirmar o que é ou não bom (HOBBS, *Leviatã* 1999, p. 110). Quando O Diabo leva Jesus ao Pináculo do Templo¹¹ ele pode vislumbrar mais claramente as riquezas e prazeres

que, para o filósofo, a luta não é somente o combate, mas quando os homens estão dispostos a isso: "(...) Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar a batalha é suficientemente conhecida (...)" (HOBBS, *Leviatã* 1999 p. 109).

⁹ Autor de duas histórias da guerra civil.

¹⁰ "(...) Pretendia ensinar-nos que, a partir da semelhança entre os pensamentos e paixões dos diferentes homens, quem quer que olhe para dentro de si mesmo, e examine o que faz quando *pensa, opina, raciocina, espera, recebe, etc.*, e por que motivos o faz poderá por esse meio ler e conhecer todos os pensamentos e paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas. Refiro-me às semelhanças das paixões que são as mesmas em todos os homens, *desejo, medo, esperança, etc.*, e não à semelhança de objeto das paixões que são as coisas desejadas, temidas, esperadas, etc (...)" [grifos no original] (HOBBS, *Leviatã* 1999, p. 28).

¹¹ "(...) Levou- o Diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles

do mundo. O tentador lhe oferece tudo, já que tudo que havia sido entregue havia, porém, um pedido: que Jesus lhe adorasse. Ele recusa a oferta e o Diabo retira-se. A passagem bíblica, parafraseada por Hobbes, lembrava o lugar do engano, da ilusão para aqueles cujo vocabulário comum era o religioso.

Contudo, o que seria a montanha? Por um lado, ela é o ponto mais alto, uma metáfora para o futuro, ou o presente da escrita do autor, onde ele pode, passados aqueles tempos, discernir mais claramente o que então se passou. O presente olha para o passado e procura entender o que aconteceu, descortinar aqueles tempos e dar explicação ao que, em um primeiro olhar, não tem sentido. Da Montanha é possível discernir, e é como se os dois personagens estivessem de lá tendo o diálogo, na busca de dar um sentido posterior. "B" chega a pedir ao "A" para levá-lo a essa "montanha", lugar de discernimento e de conhecimento, poderíamos dizer. Se no presente, muitas vezes, os fatos não são claros, no futuro eles se tornam distinguíveis e julgáveis. No segundo parágrafo do Behemoth, "B" pede a "A":

Ficarei feliz em contemplar este panorama. A vós, que viveste naquele tempo e alcançaste a idade em que melhor divisar entre o bem e o mal, **rogo levar-me até essa montanha** (pois naquela época eu não poderia enxergar tão bem) através da relação das ações que então viste, de suas causas, pretensões, justiça, ordem, artifício e resultado. (HOBBS, *Behemoth* 2001 p. 31) [grifos são meus].

283

Não em meios aos acontecimentos, mas como um ser que observava tudo de cima, o filósofo nos transporta ao seu relato. Como quem organiza as peças de um gigantesco quebra cabeça, o autor procurou responder não só os seus questionamentos, mas o dos seus contemporâneos, sobre a guerra civil e seu significado tanto no momento de execução como no de sua escrita também, posteriormente. Por outro lado, a montanha pode ser pensada como metáfora para o próprio momento de guerra. Se entendermos que, para Hobbes, a sociedade encontra-se continuamente entre as duas situações monstruosas, a paz - representada pelo grande Leviatã que a todos governa - e a guerra civil - representando pelo Behemoth, quando não há mais ordem e o caos é instalado, podemos afirmar que a montanha seria o cume da segunda situação, em que se volta ao estado de natureza. Como uma prova empírica a respeito da natureza humana que existe dentro de nós, encoberta pelo contrato formador da sociedade, mas passível de ressurgir caso o princípio da vida em comunidade seja quebrado. A guerra civil, ocorrida naqueles tempos, pode ser vista, portanto, como um ponto mais alto, representado pela Montanha do Diabo.

Como demonstrei anteriormente, mais que duas obras sugestivas que se relacionam entre si, *Behemoth* e *Leviatã* são as duas situações em que a sociedade pode se encontrar. Se a experiência da guerra civil fez Hobbes criar sua teoria sobre o estado de natureza, como afirma Nádia Souki (SOUKI 2008,

e lhe disse: - Tudo te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus respondeu: - Retira-te Satanás, porque está escrito ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto (...). (Mateus 4, 7-10)

p. 17), entendê-la significa decifrar seus códigos e a forma como se poderia chegar a essa condição, de forma alguma desejável. É necessário, portanto, compreender a situação de guerra e o modo como ela ocorre.

Semelhante a um ciclo que, neste caso, não necessariamente volta ao mesmo lugar, mas que repete certas formas estruturais, já que as paixões humanas, em diferentes tempos, são as mesmas, a guerra civil deve ser entendida como uma eterna possibilidade, latente na natureza humana. Semelhante ao movimento dos astros no espaço, pensado no século XVII, em que o sentido de revolução é *mover em giro*, as mudanças humanas fazem parte de um ciclo maior, que rege tanto a natureza como a sociedade. Embora o ideal seja que se estabeleça um governo de paz e não de conturbações, não é possível enganar-se: sempre existe a possibilidade de tais como os ciclos naturais, o estado de natureza voltar.¹²

Vi nesta revolução um movimento circular do poder soberano, que foi do falecido rei para seu filho, passando por dois usurpadores, pai e filho. Pois (deixando de lado o poder do conselho de oficiais, que foi temporário e cujos detentores se consideravam apenas procuradores) moveu-se do rei Carlos I para o Longo Parlamento; daí para o Rabo; do Rabo para Oliver Cromwell; e então para de volta de Richard Cromwell para o Longo Parlamento; deste, para o rei Carlos II, onde se espera que permaneça por muito tempo (HOBBS, *Behemoth* 2001, p. 262).

É como se os tempos de paz fossem necessariamente intercalados por momentos de guerra. Os monstros parafraseados por Hobbes convivem em todas as sociedades. A história humana estaria, portanto, continuamente envolvida nesse ciclo; contudo, para ele, a própria história parece ser o instrumento usado para a quebra desse ciclo presente na natureza (AHRENSDORF, 2000). Por meio da instrução, do aprendizado sobre a guerra, seria possível romper o ciclo, já que alertaria o homem do perigo que corre. Em tempos de paz é possível esquecer o que ocorre em momentos de guerra. Sem o conhecimento sobre a situação de caos instalada, quando se volta ao estado de natureza, o homem se renderia a uma de suas principais paixões, a busca de louvor e honra, e se esquece do perigo iminente. Nas palavras de Ahrensdorf (AHRENSDORF 2000): "Hobbes afirma que o inevitável ciclo da guerra e paz, vaidade e medo, pode ser superado através da instrução, durante o período da paz, sobre a cansativa e sanguenta experiência da guerra". Ou seja, através do aprendizado sobre a situação de conflito se poderia valorizar a segurança e a paz, visando permanecer assim. A solução estaria na educação que, por sua vez, esta intrinsecamente lidada ao aprendizado através da história.

284

¹² "Nosso filósofo pensa paralelamente o estado de natureza e o estado político, ou seja, a guerra e a possibilidade de paz. Os dois monstros, Leviatã e Behemoth, convivem com luta perpétua na cena política, sobretudo porque, antes disso, já lutavam dentro do próprio homem" (SOUKI 2008, p. 18).

Quando Hobbes coloca a história num sentido cíclico, insere-se dentro de uma nova visão de história,¹³ que rompendo com as heranças de um tempo escatológico cristão que colocava tudo em direção ao fim do mundo, retoma, de certo modo, uma visão antiga de tempo cíclico. Sendo a história temporalmente cíclica é possível fazer um prognóstico do futuro, baseando-se nas experiências do passado. Contudo, mesmo embebido em linguagem religiosa, o prognóstico não tem o mesmo sentido que a profecia.

Diferente da profecia, o prognóstico estabelece uma previsão de futuro, relacionado às possibilidades latentes de cada momento. Além disso, se a profecia é a-histórica, o prognóstico se coloca na margem do temporalmente possível, dentro das possibilidades políticas de cada momento. A profecia é religiosa e o prognóstico se coloca num mundo em que a política torna-se lentamente mais independente da religião. Sendo o futuro matematicamente calculável, é possível estabelecer um prognóstico, mesmo que esse possa ser, de certo modo, profecia também, devido ao caráter permanente da natureza humana. Olha-se para o passado, que no caso é a Antiguidade Clássica, e se prevê o futuro ou, nas palavras de Reinhard Koselleck, "coloca-se o passado no futuro" (KOSELLECK 2006, p.36).

Até o século XVIII a história era compreendida relacionada à natureza. Assim, havia certa uniformidade potencial e capacidade de repetição a partir do que era possível entender o passado e, de certo modo, prever o próprio futuro (KOSELLECK 2006, p.54). As noções de tempo até então era vindas de dois fenômenos observados: o movimento das estrelas e a sequência de governantes e dinastias. Da mesma maneira que a ciência política para Hobbes estava intrinsecamente ligada aos seus estudos de física, através da noção de movimento, é possível entender a própria história e como essa se desenrolava a partir da observação de elementos da natureza. Desta forma, assim como as estações se repetiam, as formas de governo, limitadas por natureza,¹⁴ se sucedem e repetem dentro de um ciclo. Assim, o sentido de revolução no século XVII remetia a conceitos da astronomia e física, se referindo tanto aos ciclos das gerações (geração, corrupção e morte), como as formas de governo que não se transformam, mas se alternam em repetições e ciclos. Ou seja, embora Hobbes esteja analisando as leis civis, seus termos remetem à *physis* e a leis naturais (OSTRENSKY 2006, p. 26-29).

Esta contínua relação com a natureza se estabelece no próprio vocabulário conceitual da guerra narrada pelo filósofo. Como observa Haréau (HARÉAU apud KOSELLECK 2006, p.63), o sentido etimológico de "revolução" se refere a um retorno, que conduzia de volta ao ponto de partida. Portanto, como um movimento cíclico, que não traz nada de novo, as revoluções refletiriam o que

¹³ De acordo com Koselleck, o tempo moderno passaria do escatológico, com as constantes profecias referentes ao fim do mundo, em direção ao cíclico, numa retomada dos antigos e por fim no tempo linear, que bebe suas fontes na escatologia, ao colocar a revolução como ponto alto, antes mesmo da Revolução Francesa (KOSELLECK, 2006, p. 21-39).

¹⁴ Segundo a doutrina antiga, havia um número limitado de formas constitucionais, que substituíam alternadamente umas às outras, mas que não poderiam ser ultrapassadas (KOSELLECK 2006, p.63).

esta além delas: o próprio mundo natural. Desde Copérnico, através dos ciclos das estrelas, acreditava-se ser possível contar as idades da Terra. Em 1543, surgiu a obra pioneira de Copérnico sobre os corpos celestes, *Sobre as revoluções dos corpos celestes*, a partir daí estaria cunhado o conceito moderno de revolução que viveria a partir daí numa relação "físico-política" (KOSELLECK 2006, p.64). Embora Hobbes chamasse a guerra analisada por ele de "rebelião" e de "guerra", não usando o termo revolução, no final de sua narrativa ele a utiliza e é ilustrativa sua concordância com esta visão. A restauração para ele era o fim da revolução iniciada. Da mesma maneira que as revoluções sucedem-se no tempo é possível entender que a própria narrativa histórica é elucidativa, já que repete formas estruturais de tempos passados

(...) Assim como as estrelas descrevem sua órbita de maneira independente em relação aos habitantes da Terra, ao mesmo tempo em que influenciavam ou mesmo determinavam, o comportamento dos homens, desde o século XVII, a mesma ambigüidade: é certo que as revoluções ocorriam acima das cabeças dos envolvidos, mas cada um deles permanecia preso às suas leis (...) (KOSELLECK 2006, p. 64).

A busca de explicação na história: a referência aos antigos

Assim como em outras obras, é frequente o uso que Hobbes fez de referências aos antigos no *Behemoth*. Contudo, diferente de outros textos, o filósofo, neste caso, junta história contemporânea com história antiga, num paralelo que procura esclarecer as confluências e diferenças entre o que ele viveu e o que leu e aprendeu sobre um passado mais remoto. A história parece ter sido eleita pelo pensador como possibilidade de entendimento das ações dos homens, ela nos ensinaria, pedagogicamente, o proceder e nos alertaria sobre onde determinadas ações nos levariam. Se seu problema maior era afastar o perigo da guerra civil, nada melhor que entendê-la com o objetivo de evitá-la.

Quarenta anos antes de seu relato sobre a guerra civil, Hobbes já havia demonstrado seu interesse pela história. Em 1628, o pensador publicou a que vai ser a primeira de suas obras publicadas, a tradução da *Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Neste caso, o objetivo seria alertar seus contemporâneos a respeito dos perigos da democracia. Em sua autobiografia, o filósofo relatou seu gosto pela leitura dos clássicos, lera vários historiadores e um admirava especialmente: "(...) mas acima de todos o que mais gostei foi Tucídides. Ele me ensinou quanto insensatez há na democracia e quanto melhor julga um só homem que uma assembléia. Traduzi seus escritos para ensinar aos ingleses a se guardar dos pregadores" (Hobbes, *Escritos autobiográficos* 1992, p. 153). O momento da publicação não poderia ser mais propício, pois foi o ano em que o parlamento entregou a Carlos I a *Petição de Direitos* (1628). Segundo o pensador, o empreendimento justificava-se por considerar Tucídides o mais político de todos os historiadores e por sua história ser a mais instrutiva, já que demonstrava o mal advindo da democracia. Ou seja, para o pensador, a história servia como

exemplo, para instruir e ensinar.

Ao aproximar a história inglesa do século XVII da época clássica, Hobbes se coloca no contexto renascentista na busca de explicações e de compreensão num tempo mais recuado, não só seu, mas compartilhado por seus contemporâneos. Por sua formação intelectual humanística, que não só lhe possibilita ler em latim e grego, mas lhe coloca a grade conceitual através do qual pensa e entende o mundo ao seu redor, o pensador fez constantes paralelos entre sua experiência histórica e aquelas sobre as quais leu e ouviu, mas que se apropria de modo análogo a que ele mesmo experimentou.

A busca de modelos nos antigos permeia o caminho dos homens. Contudo, o período intitulado Renascimento tem como característica uma busca mais abrangente, que terminou por demarcar períodos e estratégias mais vastas. Hobbes, portanto, não está sozinho em seus referenciais. Os modelos trazidos da Antiguidade demarcaram a arte, a literatura e a própria política em sua época. Quando Joseph Levine, por exemplo, analisa a ambiguidade de Tomas More, afirma que, para os renascentistas, os clássicos tornavam-se mais próximos que seus predecessores medievais (LEVINE, 1987). Era uma alternativa para a Cavalaria e, segundo ele, era colocada como preparação prática para a vida. Eles viam na cultura clássica um conjunto de ideias políticas a serem imitadas. De acordo com o historiador, os ingleses tiveram contato por muito tempo com a Itália e receberam influência do Renascimento italiano. Assim, para o humanismo retórico, dentro do qual podemos inserir o pensador inglês, a história e a poesia forneciam exemplos para a sabedoria política, pois elas faziam o indivíduo estender sua visão limitada de mundo.

Essa leitura dos antigos, embora marcante em vários contextos históricos, é um elemento de ação política quando é usado por um pensador como Hobbes, que desejava que sua teoria fosse levada a sério pelos seus contemporâneos. O uso que ele fez dos antigos, embora imerso em um contexto cultural marcado por esta busca, tornou-se elemento de convencimento, em outras palavras, de uso da retórica, em um sentido de disposição dos elementos discursivos.

A recepção que Hobbes faz dos antigos é condicionada por suas leituras anteriores, sua relação político cultural, assim como seu contexto social e econômico. É preciso, portanto, entender sua leitura como um processo interpretativo, vinculado histórica e socialmente ao sujeito-leitor. Entre os horizontes de expectativas do autor e as possíveis leituras, há um leque de possibilidades e de alternativas. No caso do filósofo, o contexto do Renascimento contribui para suas leituras da Antiguidade. No entanto, suas questões e comparações entre sua narrativa e as histórias antigas são de uma forma diferenciada das que fazem seus contemporâneos, relacionadas às indagações e apropriações que fez dos textos que teve contato já, que para ele, o estudo dos antigos mostraria a natureza humana presente na Antiguidade e na Inglaterra do século XVII. Embora o texto interiorize um horizonte de expectativa próprio, ele é autônomo e aberto às mais diversas interpretações. Hobbes recorre aos antigos com questionamentos próprios e, de certa forma, faz um caminho análogo

ao que percorreu em relação à Bíblia, ou seja, ao mesmo tempo em que critica os que utilizavam os antigos como exemplo, usa-os para fortalecer sua argumentação. A recepção de um texto é múltipla e delinea diversos caminhos. Sua leitura e uso dos antigos não é, portanto, um processo passivo, mas um recurso intencional que se insere dentro de um arcabouço linguístico compartilhado pelo filósofo e seus contemporâneos.

Contudo, como relacionar antigos e modernos sem a noção do anacronismo? Como incorporar e, mais, adotar modelos trazidos pela Antiguidade como exemplos sem o abismo temporal que os separa? A questão é que, para a geração renascentista, não se trata em eliminar a diferença temporal que, para nós, "salta aos olhos", ela simplesmente não existia como tal. As guerras antigas, os fatos, os feitos memoráveis não são somente contemporâneos dos modernos, dividindo com eles suas guerras religiosas e disputas pelo poder, eles são, de certo modo, eternos, rompem a transitoriedade da história (KOSELLECK 2006, p.22).

O Estado de Natureza e a *stasis* grega

Se o estado de natureza é de certo modo um conceito a-histórico, no sentido em que no mundo real ele jamais se efetivou, ele é, antes de tudo, uma potência interna do homem. Mesmo que estejamos em estado de paz, o potencial para a volta ao estado hipotético persiste e habita em nossas entranhas, fazendo parte da própria constituição do "ser homem". Sendo assim, este estado de natureza não surge na Inglaterra do século XVII. Como um termo que rompe a transitoriedade da história, ele estava presente além da era moderna, podendo ser visto, inclusive, em períodos mais tardios, como na Antiguidade Clássica, por exemplo.

Para Hobbes, Tucídides não é simplesmente um escritor do passado e é ilustrativa sua admiração por ele, o historiador da guerra, contudo, não de qualquer conflito, mas de uma luta entre as cidades gregas, uma guerra intestina de fim desastroso. Na obra do historiador grego existiriam duas situações análogas às do estado de natureza. A primeira seria a *anomia*, referente à peste que cai sobre Atenas. Ao narrar este episódio, Tucídides relata o descrédito em relação às instituições e valores humanos e a preponderância do caos e da irracionalidade. A segunda trata-se da revolta de Córcira, a primeira de todas, e por isso, o protótipo das sedições. Não por acaso o termo usado por Hobbes neste caso é *sedition*. Córcira e a *stasis* mostram-nos a quebra da civilização e o retorno ao estado de guerra de todos contra todos. O relato é, portanto, uma ilustração para que Hobbes compreendesse e expusesse o que pensava sobre seu próprio tempo. Se entendermos que toda tradução é também interpretação, fica evidente que o conflito grego é, antes de qualquer coisa, uma metáfora às sementes da guerra Inglesa.

Hobbes afirma na tradução de Tucídides, em sua dedicatória a William Cavendish, que a história teria como função instruir e capacitar o homem a respeito das ações passadas, a fim de assumir prudência no presente e providência

para o futuro.¹⁵ Para o filósofo inglês a história de Tucídides não é antiga ou inadequada para sua época, ela é ilustrativa e demonstra a natureza humana em tempos de guerra. Como afirma David Greene (GREENE 1989, p. viii), Hobbes transformou o historiador grego num homem do século XVII, como se ele compartilhasse com ele o reinado dos Stuarts e confirmasse suas visões sobre a antecipação do conflito. Ou seja, através do exemplo grego, o filósofo inglês procurava demonstrar aos seus contemporâneos onde os conflitos entre rei e parlamento levariam. Segundo ele, aliás, embora o presente pudesse enganar, já que não sabemos onde determinados atos podem nos levar, o passado é mais claro e nos mostra, ponto a ponto, onde determinadas ações levam: “Na história as ações de honra e desonra aparecem distintamente, uma por uma, contudo, hoje, elas aparecem disfarçadas e deve se tomar cuidado para não se cometer erros extremos”.¹⁶

A história grega ensinava e elucidava os caminhos futuros dos ingleses no século XVII, segundo a visão hobbesiana. Se a natureza humana é a mesma, a observação de nossos antecessores poderia nos levar a antecipar nosso próprio tempo, desvendando os atos atuais e prevendo os futuros. Assim como na natureza aprendemos pela observação do movimento, que começa com a sensação, a observação do movimento do passado pode nos fazer entender o que passa despercebido hoje.

289

Para o filósofo inglês, os relatos trazidos por Tucídides não se restringiam aos atenienses, mas mostravam a natureza humana pronta a revelar-se no momento em que não fosse mais encoberta pelos véus da sociedade. Diferente de Maquiavel, que via nas guerras sementes da liberdade e do sucesso político, inspirado na visão romana, Hobbes via o conflito sempre com olhos negativos. Para o pensador italiano, a liberdade tem um fim militar e ele preferia a expansão romana à estabilidade veneziana (SCOTT 2000, p. 115). Por outro lado, para o filósofo inglês a guerra era o fim da paz, a morte e a abstinência política. Vistas sempre como uma patologia, uma enfermidade que, por vários fatores, acometiam a sociedade. Em sua autobiografia, Hobbes se coloca como um amante da paz, filho do medo e avesso à guerra. A sedição, portanto, é sempre uma doença: “(...) corria o ano de mil seiscentos e quarenta do nascimento do filho da virgem quando a pátria foi invadida por uma surpreendente enfermidade (...)”¹⁷ (HOBBS, *Escritos Autobiográficos* 1992, p. 155). O objetivo da paz, portanto, atravessa seus escritos e dá certa unidade ao seu pensamento.

Segundo Jonathan Scott, muitos estudiosos no século XVII viam-se “face a face” com a Revolução Inglesa e procuravam entendê-la. Os caminhos para isso foram diversos, mas a busca pelos antigos permeou boa parte deles. No caso do filósofo inglês, a tradução de Tucídides teria como cenário os distúrbios

¹⁵ “O principal propósito da história é instruir o homem, pelo conhecimento das ações do passado, ter prudência no presente e providência no futuro: nenhum escrito fez mais isto que este meu autor” (HOBBS, *Tradução da Guerra do Peloponeso* 1989, p. xxi).

¹⁶ “For in history actions of honor or dishonor do appear plainly and distinctly, which are which, but in present age they are so disguised, that few there be, and those very careful, that be not grossly mistaken in them” (HOBBS, *Tradução da Guerra do Peloponeso* 1989, p. xx).

¹⁷ Na introdução do *Leviatã* Hobbes afirma que o estado é um animal artificial criado pelo homem:

do parlamento entre os anos de 1625 e 1628, chamado de "Tribunal Oratório". Em seu prefácio, como afirma Scott (SCOTT 2001, p.117), a discussão não é sobre o tipo de governo, mas as causas da instabilidade política e da guerra. Aliás, para ele, a Atenas de Péricles era uma monarquia, embora a roupagem seja democrática.

Para Hobbes não eram somente verdadeiras as causas do conflito, mas a atualidade e o perigo das paixões¹⁸ que pareciam repetir-se de forma análoga na Inglaterra. Tucídides, dessa maneira, faria do leitor também um expectador: através da narrativa das falas dos oradores, ele mostraria aos ingleses não só a tragédia, mas a atualização da experiência. O historiador grego traria para ele o modelo de sua própria história e o faria apresentar sua própria resposta através de sua filosofia política, já que a historiografia clássica mostrava o problema (paixões e poder da oratória), mas não apresentava a solução (SCOTT 2001, p. 120). Como afirma Ahrensdorf (AHRENSDORF 2000), o estado de guerra, pintado e ilustrado por Tucídides, através de Hobbes, seria o próprio professor dos seus contemporâneos, pois "abriria os olhos" e elucidaria a respeito do resultado dos caminhos traçados pela sabedoria humana.

No quadro pintado por Albrecht Atdorfer, intitulado a *Batalha de Alexandre*, o pintor parecia descortinar para o espectador um panorama cósmico de uma batalha decisiva para a história universal, a Batalha de Issus que, em 333 a. C., inaugurara a época helenística. Encomendado pelo duque Guilherme IV da Baviera, a fim de embelezar sua residência de verão, o quadro chegou a pertencer posteriormente a Napoleão e hoje se encontra na Pinacoteca de Monique (KOSELLECK 2006, p. 21). A história conseguia fixar-se numa imagem que talvez, mais que dezenas de palavras, persuadiam e convencia. Contudo, a imagem, embora representasse um ponto passado, longe espacial e temporalmente, não era vista dessa maneira. Ao contrário, Albrecht desenhou um acontecimento histórico que era análogo ao que este mesmo vivia. E, ao se ler a história com olhos do presente, podemos afirmar que ela é desenhada com as cores, expectativas e imaginação do momento da escrita. Presente e passado atravessavam, em outras palavras, um horizonte comum, elucidativo para o presente, capaz de ler nas linhas do passado a inteligibilidade perdida em momentos contemporâneos. As guerras descritas e enunciadas não são colocadas em seus momentos, elas são atemporais e como exemplos, ultrapassam a transitoriedade da própria história. Mesmo que a tradução de Hobbes não se revelasse em imagens, o filósofo desejava que essa ficasse, tal

"(...) E a arte vai mais longe ainda, imitando aquela criatura racional, a mais excelente obra da natureza, o *Homem*. Porque pela arte é criado o grande *Leviatã* que se chama *Estado* ou *Cidade* (em latim *Civitas*), que não é senão um homem artificial (...) E no qual a *soberania* é uma *alma* artificial, pois dá vida e movimento ao corpo inteiro; os *magistrados* e outros *funcionários* judiciais e executivos, *juntas* artificiais (...) a *sedição* é a *doença* e a *guerra civil* é a *morte* (...)" (HOBBS, *Leviatã*, 1999, p. 27) [grifos no original].¹⁸ As duas principais paixões para Hobbes parecem concorrer dentro do homem, de maneira análoga ao que ocorre na paz e guerra. De um lado temos o desejo pela paz, vindo através da morte violenta e de outro temos a busca por honra, que, para que a paz exista, precisa ser controlado (AHRENSDORF 2000).

como o quadro do pintor, desenhada na mente de seus leitores. Sendo a guerra “professora”, nada melhor que mostrá-la com todas as cores e dores, para que o homem valorizasse e soubesse manter seu estado de paz. Para construir a solução dos problemas já apresentados pelos Clássicos, Hobbes fará uma junção entre a matemática e a filosofia, através de seu método hipotético dedutivo e suas formulações conceituais. Contudo, a tradução teve, ao longo do trabalho de Hobbes, grande importância e ele incorporará, em sua escrita, traços do historiador do conflito grego. As relações entre os dois tempos, para o pensador não eram incongruentes. A anarquia descrita por Tucídides é consequência de uma situação natural existente dentro do ser humano, ilustrada pelos clássicos e pelos recentes acontecimentos na Inglaterra (SCOTT 2001, p. 124).

Na querela entre antigos e modernos, Hobbes e seus contemporâneos buscaram no passado mais remoto, especialmente grego e latino, entendimento para seus dias. Embora as leituras dos textos possam coincidir, pela própria formação humanística que o pensador teve, o sentido que ele deu ao que leu e ouviu é peculiar e está relacionado ao seu contexto histórico e as soluções que suas teorias pretenderam dar aos questionamentos de seus contemporâneos. A história não lhe interessa só como deleite intelectual, ela lhe fazia entender melhor o que se passa na Inglaterra no século XVII e, ao mesmo tempo, instruíam seus leitores. Aprender história é ensinar o presente, a fim de evitar do perigo iminente da guerra civil, que existe, antes de tudo, na natureza humana.

291

Bibliografia utilizada:

AHRENSDORF, Peter J. The Fear of Death and the Longing for Immortality: Hobbes and Thucydides on Human Nature and the Problem of Anarchy. In: **American Political Science Review**. Vol. 94, nº3, Setembro 2000.

CROOKE, William. The Booksellers to the reader. In: HOBBS, Thomas. **Behemoth: the history of the causes of the civil wars and artifices by which**. Oxford: Oxford University, 1966.

GREENE, David. Introduction. In: THUCYDIDES. **The Peloponnesian War**. Tradução de Thomas Hobbes. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

HOBBS, Thomas. **Behemoth ou o Longo Parlamento**. Tradução de Eunice Ostrensky. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. **Behemoth; or the Long Parliament**. Edição: Ferdinand Tönnies. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

_____. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Edição: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

- _____. **Do Cidadão.** Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. Vida de Thomas Hobbes de Malmesbury escrita em verso por el autor. Rodilla, Miguel Ángel (org). **Vida de Thomas Hobbes de Malmesbury escrita em verso por el autor.** Madrid: Editorial Tecnos S. A., 1992.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado.** Tradução de Wilma Patricia Mass e Carlos Almeida Ferreira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LEVINE, Joseph M. **Humanism and History.** New York: Cornell University, 1987.
- _____. **The Autonomy of History:** truth and method from Erasmus to Gibbon. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- OSTRENSKY, Eunice. Advertência ao leitor. In: HOBBS, Thomas. **Behemoth ou o Longo Parlamento.** Tradução de Eunice Ostrensky. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- _____. **Revoluções no Poder.** São Paulo: Alameda, 2005.
- SOUKI, Nádia. **Behemoth contra Leviatã:** guerra civil na filosofia de Thomas Hobbes. São Paulo: edições Loyola, 2008.
- SCOTT, Jonathan. The peace do silence: Thucydides and the English Civil War. In: Roger, G. A. J. e Sorell, Tom. **Hobbes and History.** London: Rotledge, 2000.
- SKINNER, Quentin. **Maquiavel.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. Meaning and understing in the history of ideas. In: **History and Theory.** Vol. 08, nº01, 1969, p.3-53.
- _____. **Razão e Retórica na Filosofia de Thomas Hobbes.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 1999.
- THUCYDIDES. **The Peloponnesian War.** Tradução de Thomas Hobbes. Chicago: The Univessity of Chicago Press, 1989.
- TUCIDIDES. **História da Guerra do Peloponeso.** Tradução de Mário Gama Cury. Brasília: Editora Universalidade de Brasília, 2001.